

7.3. Considerações finais.

O aluno-professor se caracteriza por seu pensamento pragmático e, naturalmente, imediatista em relação as suas necessidades formativas. Estas características estão relacionadas com a incidência do discurso em favor de um currículo desenhado para a prática e na ênfase pelo conhecimento aplicável. Uma demanda que está relacionada com a busca de respostas e de alternativas para resolverem problemas vividos no cotidiano profissional deste aluno. Um bom exemplo disto, é a categoria *reestruturação* (anexo 4) composta por um número significativo de falas que reivindicam mais recursos didáticos e metodológicos. Diante da “crença” na prática se tornou difícil encontrar vozes que apoiassem um currículo concebido para preparar profissionais para examinar o mundo educativo a partir da idéia da complexidade.

Partindo destas características não se poderia esperar que o aluno-professor demonstrasse interesse por um discurso humanista a respeito da educação. Poucos foram os discursos nos quais se pode identificar simpatia e preocupação com o debate ético e moral. Parte do discurso dos entrevistados está influenciado pelo desencanto e pelo sentimento de engano diante de uma única saída profissional e pela dificuldade de vislumbrar o papel de psicopedagogo e de pedagogo, segundo o ponto de vista dos entrevistados. O aluno-professor tem “crenças” *arraigadas na prática como atividade concreta, na verdade como evidência e na teoria como abstração vazia*. Na verdade, este aluno se identifica com a perspectiva de mundo positivista, um elemento importante para compreender a natureza do seu “imaginário”, particularmente, algumas de suas “crenças”. Finalmente, o tempo apareceu como um elemento importante no discurso do aluno-professor, inclusive, em categorias que não o comportava como resposta. Fato que evidenciava o lugar do tempo nas preocupações deste aluno. As características do pensamento do aluno-professor ainda podem ser apreciadas no capítulo destinado as conclusões desta tese.

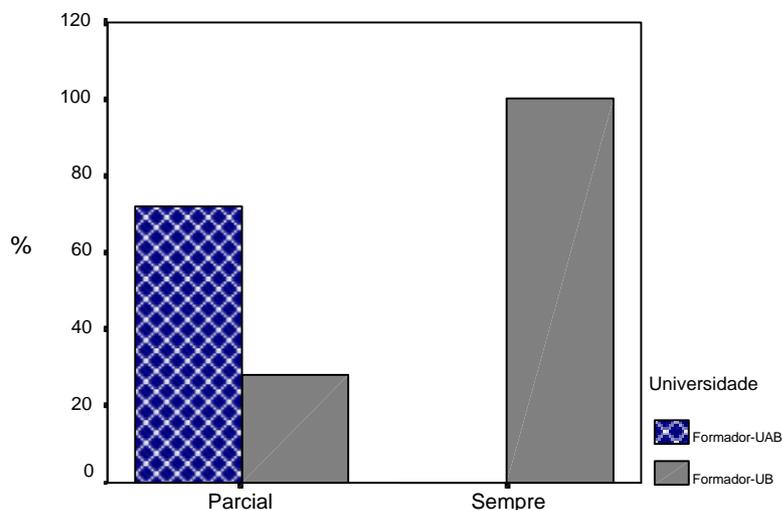
7.4. A perspectiva dos formadores sobre o aluno-professor.

A partir de agora nos dedicaremos a interpretação da perspectiva do formador a respeito do aluno-professor e, naturalmente, sua postura acerca da presença deste aluno na licenciatura. O propósito é confrontar e ampliar a informação através da visão do formador.

Em sua disciplina, você considera os conhecimentos prévios dos alunos-professores?

A categoria **parcial** representa a opinião de 78% dos 18 formadores acerca do aproveitamento do saber do aluno-professor em suas disciplinas (anexo 5). Com respeito a universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 72% do julgamento de 14 formadores desta universidade (gráfico 62). A categoria parcial está diretamente relacionada com os argumentos dos formadores a respeito da possibilidade de considerar formalmente este aluno no planejamento de suas disciplinas. O desconhecimento da presença do aluno-professor se constitui na dificuldade básica, para atender as necessidades formativas deste aluno considerando sua experiência e seu saber prático, segundo o formador.

Gráfico 62. Considerações sobre o conhecimento do aluno-professor



Esta categoria é formada por títulos, a exemplo de: *ampliar a participação* correspondendo a 11,1% da apreciação dos 18 formadores entrevistados; *refletir sobre a experiência do aluno-professor a luz da teoria* equivalendo a 17% do juízo dos 18 formadores entrevistados. *Dinamizar a aula* correspondendo 5,5%; *ponto de partida* representando a 5,5% da opinião dos 18 formadores entrevistados e *vincular o conteúdo* a formação universitária equivalendo a 11,1% do julgamento dos 18 formadores entrevistados. A referência a *reflexão* do conhecimento do aluno-professor na sala de aula foi destacada pelos formadores da Universitat Autònoma de Barcelona. *Dinamizar*

as aulas, vincular o conteúdo e ponto de partida apareceram no discurso dos formadores de ambas as universidades.

A categoria *parcial*, em última instância, explica o esquecimento que o aluno-professor faz referência em diferentes momentos do seu discurso. 78% é um percentual significativo, particularmente, porque indica a falta de intenção de considerar a presença do aluno-professor na elaboração dos programas curriculares. Os títulos que compõem esta categoria são exemplos inquestionáveis da tímida lembrança da presença do aluno-professor nas licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia. Para os formadores esta situação está relacionada com o fato destas carreiras não terem sido desenhadas para este aluno. Em parte este argumento é aceitável diante da dificuldade de comunicar ao formador o perfil deste aluno. Uma dificuldade que pode repercutir no planejamento da disciplina deste profissional para atender as necessidades formativas do aluno-professor. Embora seja razoável esta justificativa, ela não encerra este debate, especialmente, porque o currículo comporta a intervenção do formador para interpretá-lo e ajustá-lo ao aluno real.

Chama atenção o fato dos formadores não terem destacado seu papel de mediador entre o currículo, as necessidades formativas do aluno-professor e a realidade. Está claro que este profissional não é um reproduzidor mecânico do que prescreve o currículo, ao contrário, ele é consciente de sua atuação frente a este instrumento. Contudo, o formador não evidenciou no seu discurso sua liberdade para intervir no currículo para julgar a relevância do conhecimento que o aluno deve aprender. Uma ausência importante, especialmente, porque limitou a compreensão de outros aspectos presentes na perspectiva dos formadores sobre a pergunta relativa ao papel do conhecimento prévio do aluno-professor no seu planejamento curricular.

Neste caso em está jogo a idéia da competência intelectual e a responsabilidade do professor. Neste sentido, está em evidência o formador como um profissional idôneo para julgar moralmente a relevância do conteúdo que o aluno deve conhecer. Portanto, estão em questão a flexibilidade do currículo e o papel mediador do formador diante da “crença” de que a universidade é um espaço para reconstruir o conhecimento e a experiência do aluno. Uma “crença” que questionou o mecanicismo das teorias reprodutivistas que marcaram o pessimismo no pensamento pedagógico na década de 70 do recente século passado e o imobilismo do professor em determinadas geografias.

Se esta categoria comporta uma análise mais ampla sobre o currículo também suporta uma leitura psicológica e histórica acerca do aluno. Atender as especificidades do aluno não é um debate que se finaliza com o exame da natureza do desenho curricular. Ao contrário, implica em reconhecer que cada aluno é um ser particular, único e com experiências impossíveis de serem vividas por outras pessoas. Todos sabemos que os alunos têm histórias de vida igualmente singulares e irrepetíveis. O núcleo do debate não é a inadequação do currículo ao aluno com experiência no magistério, sobretudo, porque este instrumento está longe de ser ideal e perfeito. Como construção histórica e humana, o currículo não contempla todas as particularidades do

processo ensino-aprendizagem. Apesar disto, ele é suficientemente flexível e o professor tem liberdade para deliberar acerca dele para transformá-lo numa ferramenta para levar a bom porto a formação de indivíduos reais.

A segunda categoria é **sempre** e representa 17% da opinião dos 18 formadores (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria tem a mesma representatividade para os formadores da Universitat Autònoma de Barcelona e para a Universitat de Barcelona. Não resta dúvida de que a lembrança constante da presença do aluno-professor nas licenciaturas é pequena, pois, em termos estatísticos esta categoria foi extraída da fala de 03 (três) formadores. Este tema merece o “status” de categoria, especialmente, por ser um argumento importante para reafirmar a presença fortuita deste aluno nas licenciaturas. O argumento dos formadores a respeito da lembrança do aluno é de ordem metodológica, especialmente, porque eles se referem ao uso da experiência deste aluno com o ensino para enriquecer a aula. Um recurso importante para incluir o aluno-professor na dinâmica da sala de aula, para valorizar sua experiência e seu saber prático. Contudo, trata-se de uma lembrança no terreno dos meios em lugar do exame acerca da liberdade e da responsabilidade do formador em deliberar no campo curricular em favor do aluno e dos interesses da sociedade.

Aqui nos encontramos diante de uma surpresa e, em certa medida, frente a uma atitude que nos parece tímida e conservadora. Uma atitude pouco apropriada para uma época em que se discute com todas as letras e com muita tinta a conquista histórica do professor como um profissional que pode intervir em muitas instâncias da instituição educativa. Como já dissemos não estamos nos esquecendo das fronteiras institucionais e não somos partidários da idéia de que o professor é o único agente responsável pela qualidade do ensino. Aqui está em jogo a renovação pedagógica, o papel emancipador do professor, a autonomia e outras referências ausentes nos argumentos dos entrevistados.

Na verdade, esperávamos que esta categoria pudesse anunciar outra postura a respeito dos vínculos entre o aluno-professor, o currículo e o papel do formador. Em síntese, a intervenção é *pontual* e, inclusive, alguns discursos recordam a ínfima presença numérica deste aluno nas licenciaturas como um argumento impeditivo para justificar um planejamento intencional. Os entrevistados (FB.12 e FA.13)⁴ recordaram este aspecto, inclusive, pontuando *que não existe um lugar para experiência do aluno-professor com o ensino nas carreiras de Psicopedagogia e de Pedagogia*. Se consideramos as licenciaturas e, especialmente, o currículo numa perspectiva ortodoxa e hermética fica complicado refletir a respeito da singularidade dos indivíduos no espaço educativo. Com esta atitude se está negando a idéia de que os indivíduos pensam e atuam a partir de um lugar e este lugar para o aluno-professor é a sua experiência com o magistério e, naturalmente, com o saber prático originário desta atividade.

Se consideramos que o número de alunos-professores nas licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia é pequeno estamos privilegiando um discurso

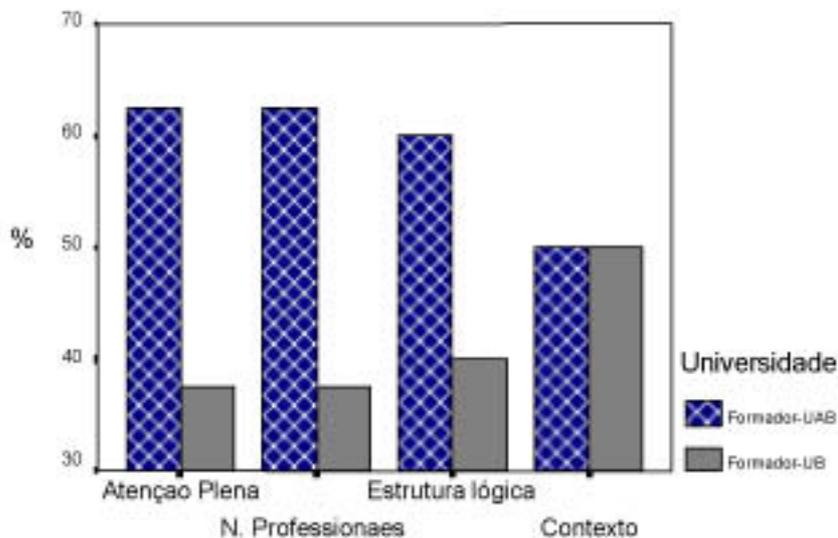
4 As siglas FA e FB correspondem, respectivamente, a Formador da Universitat Autònoma de Barcelona e Formador da Universitat de Barcelona.

economicista em detrimento do discurso humanista acerca do ensino. A força dos números se impõe ao exame do ensino como uma atividade dirigida para o homem e, portanto, esta análise deve ser realizada a partir de valores desta mesma natureza. O importante não é a quantidade deste aluno, mas sua presença nas licenciaturas da família da educação, sobretudo, porque não se trata de cifras. Ao contrário, trata-se de pessoas concretas, de sujeitos de carne, de osso, com nome, com sobrenome, com história para contar e com necessidades formativas a serem atendidas. Os cálculos numéricos diante da relevância destes aspectos se tornam mesquinhos e empobrecem o debate a respeito da presença do aluno-professor nas licenciaturas. Um debate desta natureza pode dificultar o surgimento de alternativas pedagógicas para responderem a diversidade de aluno na sala de aula. Não temos dúvida de que a mentalidade empresarial ganha espaço no pensamento dos educadores e que estamos vivendo um momento de importante acolhida a referências estranhas ao mundo educativo.

Quando você prepara a sua matéria, considera estes dados: necessidades profissionais, estrutura lógica e contexto?

Atenção plena é a categoria mais importante extraída desta pergunta e representa 44,4% da opinião dos 18 formadores (anexo 5). Com esta categoria, os formadores estão dizendo que ao prepararem o programa de sua disciplina consideram os três aspectos mencionados. Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo 62,5% da opinião de 08 formadores (gráfico 63). Conforme se pode observar no gráfico em questão, a categoria *atenção plena* apresenta uma significativa discrepância na perspectiva dos formadores acerca da importância das necessidades profissionais, da estrutura lógica do conteúdo e do contexto.

Gráfico 63. Planejamento do formador



Necessidades profissionais é a segunda categoria e representa 44,4% da opinião de 18 formadores (anexo 5). Com respeito a universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, equivalendo a 62,5% do julgamento de 08 formadores (gráfico 63). Nesta categoria mais uma vez se repete a distância na perspectiva dos formadores sobre os elementos que fazem parte da composição do seu programa curricular. Os argumentos sobre a atenção as necessidades profissionais foram gerais e não evidenciaram uma linha de debate a respeito de um campo complexo como é a formação universitária.

Diante desta importante lacuna é lamentável no discurso do formador a ausência de referência ao mundo do trabalho, sobretudo, porque é complicado imaginar o atendimento das necessidades profissionais distantes do debate sobre o trabalho. Estamos diante de um tema espinhoso, controvertido e preocupante, especialmente, com a atual divisão internacional do trabalho e sua repercussão no término de atividades tradicionais e, naturalmente, no surgimento de novas profissões. Além destes aspectos, a natureza complexa, aberta e a atual deste debate também incide sobre as exigências explícitas e implícitas que diferentes segmentos da sociedade dirigem a universidade. Neste caso está em questão elementos importantes, a exemplo do tipo de conhecimento a ser ensinado e o perfil profissional que deve ser formado.

Frente a esta ausência cabe mais uma vez lamentar o esquecimento do formador a respeito do debate do papel da universidade na preparação do aluno para o trabalho. Nenhum aluno busca esta instituição pelo puro e genuíno “amor” ao conhecimento, mas especialmente, por uma formação para o exercício de uma atividade profissional. Esta função da universidade também é defendida por muitos estudiosos, a exemplo de Fernández Enguita (1990). Este propósito está claro nos objetivos curriculares que refletem o entendimento teórico, metodológico, técnico e histórico das profissões, especialmente, através das distintas linhas do conhecimento especializado dominado por esta instituição. Aqui se lamenta este vazio porque não se pode interpretar as perspectivas teóricas e políticas dos formadores sobre o que eles consideram fundamental na preparação do aluno para o exercício profissional.

Partindo disto, infere-se que as referências dos formadores sobre este tema comportariam aspectos, a exemplo de: conhecimentos gerais acerca da estrutura de determinadas profissões, competências específicas, a responsabilidade social, a formação de um perfil profissional flexível e adaptável a uma sociedade cambiante. E finalmente, o debate a respeito dos valores e a formação de uma mentalidade interdisciplinar. De fato alguns destes elementos estiveram presentes nas falas dos entrevistados em noutras questões, conforme se pode perceber através das entrevistas e dos questionários. Contudo, não apareceram como argumentos ou comentários da categoria *necessidades profissionais*. O discurso político esteve ausente no discurso da formador já que as referências aos valores humanistas não estiveram acompanhadas do debate político e ideológico, mas do filosófico.

A terceira categoria é estrutura lógica que representa 28% da opinião dos 18 formadores (anexo 5). Em termos de universidade, esta categoria é mais

representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 60% do julgamento de 05 entrevistados (gráfico 63). A categoria *estrutura lógica* informa que o pensamento dos formadores das duas universidades divergem com respeito ao que deve ser privilegiado na elaboração dos programas curriculares. Um dado que caracteriza a perspectiva e as “crenças” educativas destes especialistas, sobretudo, com referência ao tratamento do conteúdo e das disciplinas ensinadas por eles. Um formador declarou que se preocupa com a epistemologia da disciplina e que não articula os conteúdos programáticos com as necessidades profissionais do aluno e com os contextos social e institucional. Os demais formadores que correspondendo a 22,2% da opinião dos 18 entrevistados vinculam suas disciplinas ao contexto e as necessidades profissionais do aluno.

Estrutura lógica é uma categoria interessante porque informa sobre a perspectiva e as “crenças” do formador acerca do futuro profissional a ser formado. Os formadores que compõem esta categoria revelam que se preocupam, basicamente, em preparar o aluno para entender o espírito da disciplina, especialmente, seu corpo teórico e científico. Está claro que se trata de uma “crença” na formação do aluno a luz dos elementos e dos princípios constitutivos da disciplina. Para estes formadores, o importante é uma aprendizagem acadêmica centrada nas contribuições da ciência. Partindo disto, infere-se que as convicções destes especialistas a respeito do perfil profissional se aproxima do debate sobre o profissional intelectual.

Trata-se de uma postura respeitável acerca da concepção profissional, mas incompleta em outros aspectos. Uma formação profissional e o tratamento de uma disciplina não devem se limitar apenas aos aspectos científicos. Por mais relevante que seja o conhecimento acadêmico, o debate sobre as necessidades profissionais comporta uma leitura social, política e ideológica. Na atualidade, já existe um certo consenso a respeito da formação profissional no âmbito da cidadania, especialmente, quando se trata de especialistas em educação. Nesta área como noutras a responsabilidade social e ética é um requerimento que deve ser contemplado. Em tempos de mudanças bruscas não se deve esquecer destas dimensões no debate das profissões.

A quarta categoria é **contexto** e representa a opinião de 22,2% dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é igualmente representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona e da Universitat de Barcelona, correspondendo a 50% da opinião de 04 dos 18 formadores entrevistados (gráfico 63). Esta categoria informa a semelhança entre o pensamento dos formadores das duas universidades. Neste sentido, o contexto é o elemento comum nas preocupações destes especialistas com respeito a composição do programa curricular. Característica que não foi evidenciada nas demais categorias extraídas da pergunta que estamos analisando. Apesar disto, o debate sobre a realidade social e profissional é secundária no discurso dos formadores acerca da preparação dos futuros psicopedagogos e pedagogos.

Através desta categoria ficou evidente a ausência do discurso sociológico a respeito do ensino, sobretudo, porque a referência ao contexto não pertence a

Sociologia. O entrevistado (FA.15) explicitou a importância do conhecimento desta ciência para o pedagogo interpretar as necessidades educativas. Para os demais especialistas, o contexto está identificado com as saídas profissionais das licenciaturas, os cenários e, inclusive, com os centros educativos. Estes termos pertencem a outros registros, especialmente, porque cenários e centros educativos não são sinônimos de realidade social. O discurso dos formadores acerca do contexto pertence a outras tradições do pensamento pedagógico pouco identificadas com o debate político.

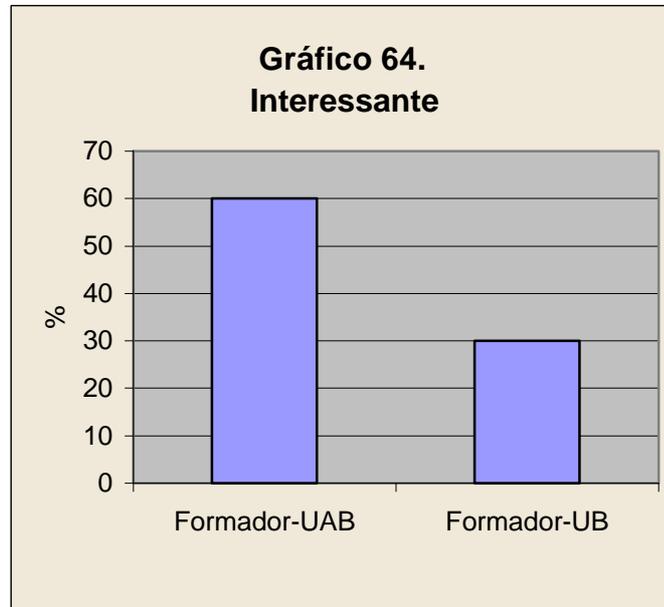
Uma ausência importante, sobretudo, porque o ensino comporta uma leitura sociológica. A Sociologia vem contribuindo ao longo de décadas com análises e exames importantes acerca da educação através de teorias que colocam de manifesto a outra face desta atividade. Apesar da proximidade do mundo sociológico com o educativo, a ausência deste discurso na categoria *contexto* pode ter sua origem na filiação dos formadores a outras tradições do pensamento pedagógico. E por outro lado, a formação de base destes profissionais no âmbito da psicologia e das ciências da educação. AS Licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia costumam ser concebidas, preferencialmente, no terreno das ciências, anteriormente, mencionadas em lugar do pensamento sociológico e histórico. É relativamente “*natural*” que os indivíduos afinados com o pensamento psicológico e didático enfatizem mais estas tradições do que outras, a exemplo da sociológica. Embora estas ciências não sejam opostas fica claro a simpatia e a confiança dos entrevistados com as correntes teóricas que sustentam as concepções curriculares destas licenciaturas. Fato que comprova a pluralidade do discurso na sociedade e a idéia de que cada indivíduo se coloca no mundo segundo sua experiência e suas “crenças”.

Poderia comentar sua posição a respeito da presença do aluno-professor na licenciatura?

A categoria **interessante** que representa 55,5% da opinião dos 18 formadores entrevistados revela o grau de satisfação destes especialistas com a presença do aluno-professor nas Licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia (anexo 4). Com respeito a Universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, equivalendo a 60% do julgamento de 10 entrevistados (gráfico 64). Este dado comunica o grau de satisfação deste profissional com a presença do aluno-professor nas licenciaturas anteriormente mencionadas. Embora a realidade estatística seja importante também é relevante a qualidade do discurso dos formadores por se tratar de uma preocupação que evidencia, basicamente, suas representações positivas sobre o aluno-professor.

Através desta categoria o formador descreve o aluno-professor como um aluno interessado, ativo e motivado. Alguns formadores disseram que este aluno o ajuda no tratamento teórico de determinados conteúdos. Por outro lado, os formadores deixaram evidente que o aluno-professor demonstra um interesse especial por *temas novos e por conteúdos diretamente relacionados com sua prática vivencial*. Um perfil que confirma nosso juízo a respeito do pragmatismo no pensamento deste aluno sobre o ensino. A opinião dos formadores a

respeito do aluno-professor está sintetizada nestes argumentos: *enriquece a experiência docente do formador* (FA.11). *É uma sorte contar com este tipo de profissional não sala de aula* (FA.7). Estas falas, em particular, destacam a receptividade destes especialistas diante da presença do aluno-professor nas licenciaturas.



A pergunta sobre a opinião do formador a respeito do aluno-professor na licenciatura provocou uma quantidade importante de respostas que não puderam ser transformadas numa categoria por sua dispersão. 44,4% é o percentual que representa a apreciação dos 18 formadores sobre sua postura relativa a presença do aluno-professor nas licenciaturas. Com respeito a universidade estas respostas estão assim distribuídas: 36,3% correspondendo a opinião dos 07 formadores da Universitat de Barcelona e 57,1 % equivalendo a apreciação de 11 formadores da Universitat Autònoma de Barcelona. Algumas destas respostas não fazem referência a opinião do formador acerca de sua experiência com este tipo de aluno. Neste terreno se encontram os formadores (FB.2, FA.3 e FA.16) correspondendo a 17% da opinião dos 18 entrevistados. As respostas também comportam o debate acerca da dificuldade de atender as necessidades formativas do aluno-professor sob o argumento de que as licenciaturas não foram desenhadas para este aluno.

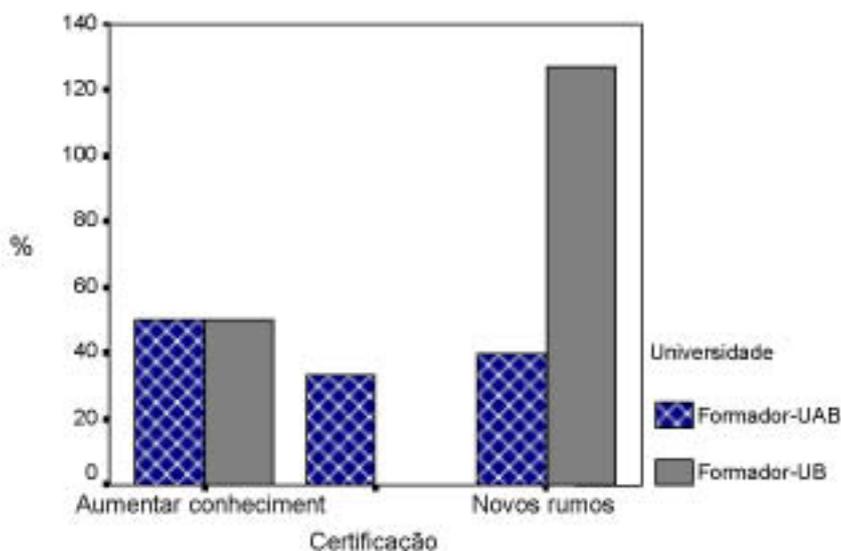
A amplitude dos discursos examinados comporta a *autocrítica* do formador como um elemento importante de sua percepção sobre o aluno-professor. Uma percepção realizada a partir de estereótipos clássicos na cultura docente. No caso da formadora (FA.17) está em jogo seu juízo acerca da postura deste aluno frente ao conhecimento. Um discurso que coloca em evidencia o papel da personalidade do professor e neste caso, em particular, a natureza das representações sociais e das profecias auto realizadas como elementos importantes para construir a imagem do aluno pelo professor. Dados que recordam o interesse pelo estudo destes temas, especialmente, no âmbito das expectativas do professor a respeito do rendimento acadêmico do aluno. O

ensino como um tipo particular de interação social mobiliza e ativa conhecimentos, a exemplo das representações sociais que repercutem no relacionamento entre professor e aluno, particularmente, no processo ensino-aprendizagem.

Em sua opinião, quais são as expectativas de conhecimento e de formação do aluno-professor com a licenciatura?

A categoria **aumentar conhecimento** representa 89% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Esta categoria informa que as demandas de conhecimento e de formação do aluno-professor se dirigem ao conteúdo procedimental. Em termos de universidade esta categoria tem a mesma representatividade para os formadores das Universitat Autònoma de Barcelona e para os formadores da Universitat de Barcelona. Em outras palavras, a categoria *aumentar conhecimento* correspondendo a 50% da opinião dos 18 entrevistados de ambas universidades (gráfico 65). Dados que informam que a busca do aluno-professor está relacionada com suas preocupações cotidianas sobre o ensino, especialmente, com os meios didáticos em lugar dos fins educativos.

Gráfico 65. Expectativa de conhecimento do aluno-professor.



A leitura dos formadores sobre as buscas do aluno-professor coincide com a nossa realizada noutro momento quando destacamos a simpatia deste aluno pelo conhecimento aplicado. Um pensamento identificado com os princípios e os propósitos da orientação técnica que confere ao ensino a categoria de ciência aplicada. Em linhas gerais, os formadores ofereceram dados mais detalhados e precisos sobre as expectativas do aluno-professor com as licenciaturas. Fato esperado, particularmente, pela experiência e a qualidade do conhecimento do formador para interpretar as demandas deste aluno.

A categoria **certificação** que representa 33,3 % do julgamento dos 18 formadores é uma categoria que aproxima a percepção destes especialistas com a do aluno-professor, especificamente, com respeito as buscas deste aluno (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat de Barcelona, correspondendo a 06 formadores (gráfico 65). O formador sugere que este aluno retorna ao estudo, especialmente, pelas vantagens facilitadas por uma certificação homologada. Naturalmente que se trata de uma demanda importante, sobretudo, porque a diplomatura que possui o aluno-professor o limita profissionalmente para o exercício de outras atividades além do magistério.

Para 28% dos 18 formadores entrevistados, a categoria **novos rumos** traduz outras expectativas do aluno-professor com respeito a licenciatura (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, eqüivalendo a 60% da opinião de 05 formadores (gráfico 65). Esta categoria informa que além do conhecimento técnico este aluno tem um olhar dirigido as novas saídas profissionais que, necessariamente, não estão no terreno do ensino. Seria simplista pensar que o aluno-professor desconhece as dificuldades do magistério e, naturalmente, este conhecimento repercute nas suas novas buscas profissionais. O magistério está longe de pertencer ao leque das atividades atrativas pelas particularidades do processo ensino-aprendizagem e outros aspectos, a exemplo da definição do estatuto profissional desta atividade.

Os alunos-professores devem ser conscientes da existência do debate sobre a definição da docência e, naturalmente, do magistério como uma profissão. Um debate que já nos ocupamos quando tratamos da interpretação do pensamento deste aluno. Esta dificuldade é um aspecto que pesa no julgamento do aluno-professor e na suas busca por outras alternativas profissionais. Suas representações sociais a respeito do professor, em geral, são exemplos de suas “crenças” no trabalho deste profissional. Neste sentido, elas são fontes privilegiadas para o entendimento de suas expectativas acerca do seu futuro profissional fora do terreno da sala de aula. Ingenuidade e romantismo a parte, sobretudo, porque a definição profissional é motivada, basicamente, pelas recompensas materiais. Com isto não estamos dizendo que as escolhas dos indivíduos são mercenárias, ao contrário, estamos ponderando acerca do papel das recompensas objetivas. Esta idéia não excluí outras, a exemplo da satisfação pessoal diante da escolha de uma atividade identificada com as preferências intelectuais dos indivíduos.

Partindo do seu conhecimento, que importância tem a experiência do aluno-professor com o ensino na licenciatura?

Desta pergunta foi possível extrair apenas a categoria **relevante** que representa 89% da opinião dos 18 formadores entrevistados. Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 56,2% da apreciação dos 16 entrevistados (anexo 5). Esta categoria comporta, basicamente, três discursos sobre o papel da experiência ou da prática do aluno-professor com o

magistério para as licenciaturas. O primeiro discurso é o *iluminador* e está centrado na vivência do aluno-professor com o ensino. Um discurso que enfatiza as virtudes da prática para estimular a reflexão teórica a respeito dos problemas concretos do ensino. Uma estratégia que pode resultar numa atitude positiva acerca do conhecimento teórico, sobretudo, considerando as resistências deste aluno com as contribuições da teoria.

O segundo discurso é o *pragmático* e está focalizado nos logros que o formador obterá com o tratamento do conteúdo de sua disciplina partindo da prática do aluno-professor com o ensino. Uma espécie de estratégia metodológica para compensar um planejamento generalista. Não se discute o valor educativo do uso do conhecimento prévio do aluno e neste caso, em particular, do aluno-professor. Ao contrário, celebra-se esta atitude como um ato que valoriza o conhecimento e a experiência do aluno através da contextualização teórica. O que está em jogo é a pontualidade da lembrança do formador sobre o aluno-professor nas licenciaturas. E finalmente, o terceiro discurso é o *reflexivo* e se aproxima muito do primeiro, especialmente, pelo interesse crítico com a prática do aluno-professor com o magistério. A diferença básica deste discurso para o primeiro é ênfase na reflexão como o núcleo do discurso do formador.

A formadora (FA.17) manifestou sua discordância a respeito do lugar que deve merecer a prática do aluno-professor com o magistério nas licenciaturas da família da educação. Segundo esta formadora, a prática docente está demasiadamente institucionalizada e as mudanças sociais provocadas pelas tecnologias anunciam que a sociedade do conhecimento não é a sociedade do professor. Uma perspectiva pouco educativa, especialmente, porque o professor não será substituído pela tecnologia mesmo com os avanços nesta área. Está claro que se trata de um discurso tecnológico sem acento no ensino como uma atividade humana, histórica, subjetiva e, naturalmente, política e ética. Uma atividade pensada por homens de carne, de osso e que deve ser desenvolvida por homens para garantir que a humanidade de cada um seja respeitada e valorizada. Fica evidente que se trata de um discurso no qual a técnica e a tecnologia não são vistas como cultura, mas como meios.

Na fala desta formadora não está apenas em jogo sua crítica e resistência a prática do professor como uma experiência rotineira, mecânica e, portanto, pouco ou quase nada reflexiva. Está em evidência o distanciamento desta entrevistada com algumas concepções epistemológicas acerca do trabalho do professor. Concepções, a exemplo da tradicional, da libertadora e de outras que destacam o papel deste profissional frente ao conhecimento. Um conhecimento que a formadora acredita que pode ser facilitado pela tecnologia sem a mediação crítica do professor. Neste sentido, está presente sua confiança na idéia de que a atividade docente e o magistério podem ser comparadas com outras profissões clássicas, a exemplos da arquitetura, da medicina e outras liberais. Uma “crença” que, inclusive, resiste ao debate acerca da dificuldade de definir o estatuto da atividade docente.

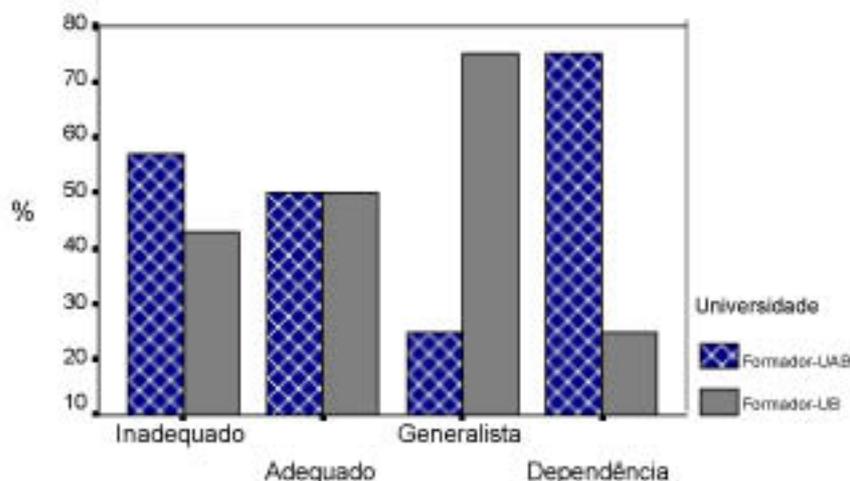
Em consequência desta “crença”, a formadora defende o perfil do aluno-professor como um trabalhador. Alguns estudiosos não percebem com tanta

clareza esta idéia dado a ambigüidade do trabalho docente e, naturalmente, do magistério. Autores como Ginsburg (1990) e Fernández Enguita (1990) destacam que a ambivalência do trabalho do professor é um impedimento real para definir seu fazer como serviço ou como atividade liberal. Estes autores não deixam de reconhecer que existem certas características que aproximam este trabalho do mundo operário. Nesta efervescente discussão Densmore (1990) sustenta que a atividade docente está mais próxima do trabalho operário do que do liberal. O debate está aberto e, portanto, é prematuro afirmar que se trata de um trabalho operário. Neste sentido, a reflexão da entrevistada (FB.17) é igualmente questionável diante das inquietações teóricas que iluminam este debate.

Com base na sua experiência, como você percebe o currículo das licenciaturas (Psicopedagogia e Pedagogia) e o tratamento didático-pedagógico que recebe o aluno-professor nestas carreiras?

A categoria **inadequado** representa a opinião de 78% dos 18 formadores entrevistados sobre a pergunta anteriormente formulada (anexo 5). Em linhas gerais, esta categoria é uma clara demonstração de que estes formadores discordam da concepção curricular das Licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia. Com respeito a universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 57% da opinião de 14 entrevistados (gráfico 66). Os argumentos dos formadores sobre o currículo estão vinculados a duas linhas. A primeira, enfatiza a necessidade de aproximar a Licenciatura de Pedagogia das *exigências sociais e definir o papel de pedagogo*. Neste aspecto aluno-professor e formador têm a mesma percepção acerca de determinados problemas desta licenciatura. A segunda linha de exame, destaca o desequilíbrio entre os conteúdos transmitidos. Mais uma vez se observa certa proximidade nas perspectivas do formador e do aluno-professor, sobretudo, com respeito ao conhecimento.

Gráfico 66. Percepção sobre o currículo e o tratamento didático-metodológico.



Esta categoria comporta os discursos ante academicista, da inflexibilidade e por último o da debilidade teórica do currículo. Além destes aspectos, A categoria inadequado também comporta a percepção dos formadores acerca do tratamento didático-pedagógico destinado ao aluno-professor. O discurso ante academicista do formador sobre o currículo não está relacionado com as críticas que os teóricos reprodutivistas fizeram ao conhecimento. Críticas que evidenciaram a resistência destes estudiosos ao conhecimento produzido pela humanidade partindo do argumento de que ele era elitista. Portanto, útil para manter as estruturas conservadoras da sociedade. Ao contrário disto, o discurso ante academicista aponta, preferencialmente, para a importância e para o lugar do conhecimento técnico e prático nas licenciaturas em oposição aos enfoques enciclopédico e compreensivo da escola acadêmica.

Partindo disto, os formadores não expressaram em seu discurso uma postura ideológica identificada com tese reprodutivista que também inaugurou um tempo de pessimismo na tradição pedagógica e, particularmente, no trabalho do professor. Embora os enfoques enciclopédico e o compreensivo tenham matizes que os diferenciam, eles se encontram na defesa do conhecimento sistematizado historicamente como um legado da sociedade para outras gerações. Naturalmente que se questiona a idéia deste conhecimento ser considerado universal quando foi produzido por uma classe social. Uma polêmica que já encontrou seu ponto de equilíbrio, particularmente, através das contribuições gramscianas.

O discurso da *inflexibilidade* não contempla a idéia do formador como um mediador entre currículo, a cultura e as necessidades formativas do aluno. Não resta dúvida de que se trata de um instrumento institucional e esta característica limita a liberdade do formador. O currículo comporta espaço para o exercício da autonomia deste profissional, sobretudo, no terreno da indagação a respeito do bom ensino. Somente o formador sabe o que convém ou não o aluno aprender e, portanto, ele está capacitado para selecionar textos, materiais, recursos didáticos e metodológicos para ajustar o currículo as necessidades formativas do aluno através da estrutura e do espírito de sua disciplina. Apesar dos formadores conhecerem estes aspectos do currículo, seu discurso sugeriu a idéia deste instrumento como uma ferramenta distante de ser transformada por este profissional.

O terceiro discurso intitulado de *debilidade teórica* evidencia a “crença” do formador no papel das ciências humanas na formação do profissional para o mundo educativo. Uma convicção que reflete a confiança nos princípios teóricos, especialmente, os que podem desenvolver uma mentalidade interdisciplinar e, sobretudo, humanista no aluno. Trata-se de um argumento minoritário no discurso do formador e do aluno-professor. Isto sugere que o pensamento humanista está perdendo terreno na tradição educativa para outras racionalidades, a exemplo da tecnológica e da empresarial.

A segunda categoria é **adequado** e representa 22,2% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 5) e (gráfico 66). Em termos de universidade esta categoria tem a mesma representatividade para os formadores das Universitat Autònoma de Barcelona e para os formadores da Universitat de

Barcelona, correspondendo a 50% da apreciação de 04 entrevistados. Estamos diante de um tema que comporta unanimidade no pensamento do formador acerca do currículo e do tratamento didático-metodológico destinado ao aluno-professor.

O currículo admite leituras diversas a respeito do conhecimento, particularmente, por se tratar de um instrumento intimamente relacionado com uma determinada sociedade num momento histórico específico. Apesar disto, a categoria *adequado* reflete a conformidade dos formadores a respeito do currículo das Licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia para o aluno-professor. Em outras palavras, esta categoria comunica a aceitação do formador com as licenciaturas que comportam o aluno-professor.

Os formadores através desta categoria estão explicitando suas “crenças” pedagógicas e políticas que, em última instância, fundamentam seu discurso acerca da adequação do currículo para a formação do psicopedagogo, do pedagogo e, naturalmente, para receber o aluno-professor. Um bom exemplo disto se pode observar lendo esta fala: “...*existen buenas ofertas de asignaturas prácticas, pero también existen contenidos fuera de la realidad*” (FA.14). E ainda: “*Globalmente me parece adecuado, considerando que existe el espacio de la tutoría para las demandas más personalizadas*” (FB.8)⁵.

A categoria **generalista** representa 22,2% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para os formadores da Universitat de Barcelona, correspondendo a 75% da apreciação de 04 entrevistados (gráfico 66). Como se pode observar a diferença de comportamento dos formadores das duas universidades frente ao aluno-professor é significativa. A lembrança acerca do tratamento *generalista* também esteve presente nas falas do aluno-professor através da *crítica a dinâmica das aulas e da natureza do relacionamento entre este aluno e o formador*. Fato que comprova mais uma vez a semelhança em determinadas percepções compartilhadas por formadores e alunos-professores, especificamente, no campo do tratamento didático-metodológico. Este tipo de abordagem revela o esquecido pedagógico com este aluno e um certo abandono das questões relativas a diversidade. Uma importante lacuna sobre um tema que tem merecido atenção por parte dos estudiosos e que goza de uma simpática acolhida na cultura educativa.

A categoria **dependência** representa 22,2% da opinião dos 18 formadores entrevistados e está diretamente relacionada com o tratamento didático-metodológico oferecido ao aluno-professor (anexo 5). Com respeito a universidade esta categoria é mais representativa para os formadores da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 75% da opinião de 04 formadores (gráfico 66). Esta categoria comunica que depende do formador prestar atenção as necessidades do aluno-professor. Para os formadores, a *atitude de simpatia as demandas deste aluno está relacionada com a criatividade, a vontade, a competência, a sintonia e a comunicação deste profissional com os grupos*, segundo a fala destes entrevistados: (FB.6, FA.13

⁵ Optamos pela transcrição *oliteral da fala dos entrevistados*.

e FA.15). Um discurso centrado na personalidade, na sensibilidade e na vontade pedagógica do formador.

Estes entrevistados recordam outra face do professor que se afasta da idéia de mediador entre o currículo e as necessidades do aluno. A atividade docente não se realiza apenas no âmbito da criatividade e da liberdade individual do professor, embora saibamos que isto aconteça. No que pese a esta realidade é de domínio de muitos que o professor decide a partir de possibilidades reais e da acessibilidade de alguns condicionamentos institucionais. Neste sentido, o currículo é, um última instância, um instrumento material para o docente deliberar e também uma ferramenta que pode inibir práticas e atitudes nas quais o aluno fique sob o humor e o capricho do professor. A categoria *generalista* explica, em parte, o sentimento de *esquecimento* referido pelo aluno-professor. Em síntese, estes elementos trazem a luz o caráter pessoal e complexo do comportamento do professor com respeito ao aluno.

Em sua opinião, que conhecimentos são importantes nas Licenciaturas de Psicopedagogia e de Pedagogia?

Os formadores refletiram esta pergunta a partir quatro “crenças” sobre o conhecimento que sustentam seu discurso e, naturalmente, sua prática docente. A primeira categoria é **técnico** representa 39% da apreciação dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Com esta categoria os entrevistados comunicam a importância do conhecimento técnico para o aluno-professor. Uma “crença” presente na tradição educativa, nas reformas curriculares e, conseqüentemente, nas concepções de currículo em diferentes geografias.

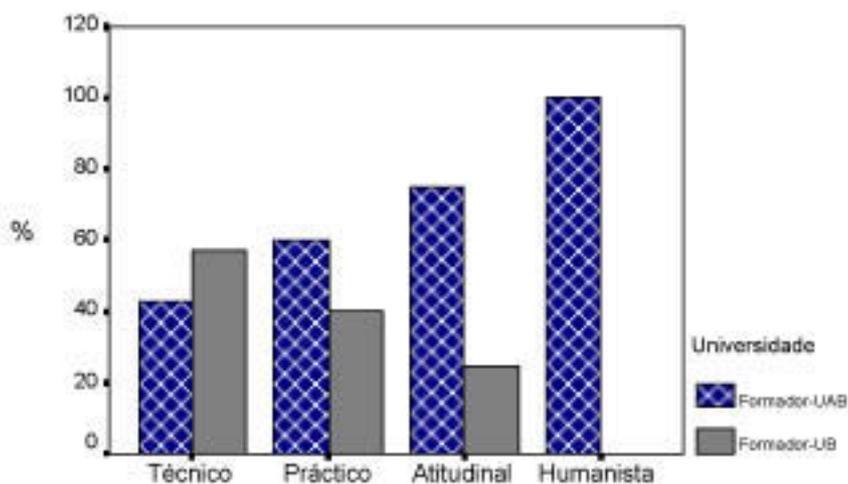
Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para os formadores da Universitat de Barcelona correspondendo a 57% da apreciação de 07 entrevistados (gráfico 67). Conforme se pode observar através dos valores percentuais, o pensamento técnico está mais acentuado na mentalidade do formador da Universitat de Barcelona. Aqui se encontra parte da origem das reivindicações do aluno-professor desta universidade pelo conhecimento técnico. Em última instância, as “crenças” do formador repercutem na busca deste aluno e refletiram-se na demanda e na simpatia do aluno-professor com o conhecimento técnico. A concepção do currículo e a abordagem que os formadores imprimem ao conhecimento aparecem no pensamento do aluno tanto pela confiança na autoridade deste profissional quanto pela identificação do último com a interpretação de mundo refletida neste tipo de conhecimento.

Os entrevistados quando afirmam que o conhecimento técnico é o mais importante, estão revelando sua forma de conceber a realidade e, naturalmente, sua confiança nos princípios que orientam o debate sobre o lugar do conhecimento técnico no mundo do ensino. Expressam sua “crença” na didática como um campo do conhecimento mais afinado com o debate sobre os meios do que com as finalidades da educação e do ensino. Uma postura que também favoreceu a presença de referências alheias ao mundo educativo o pensamento pedagógico. Em parte, estas características servem para lembrar que estamos falando sobre formadores concretos, indivíduos que manifestam

suas preferências teóricas e metodológicas acerca do conhecimento e da preparação de profissionais da educação.

Em outras palavras, estamos diante de “crenças” que reforçam a importância do conhecimento instrumental para solucionar problemas complexos sob argumentos, a exemplo das virtudes e das contribuições da ciência aplicada e dos seus resultados para o ensino. Com esta categoria, os formadores explicitam uma posição política e ideológica. Naturalmente que se trata de uma postura questionável porque a racionalidade tecnológica é pouca adequada para apreender a complexidade e a humanidade do ensino e de outras atividades desta mesma natureza.

Gráfico 67. Conhecimentos importantes nas Licenciaturas de Psicopedagogia e Pedagogia.



A segunda categoria é **prático** e representa 28% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 60% do julgamento de 05 entrevistados (gráfico 67). No caso desta categoria, a reflexão é o núcleo do discurso dos formadores, embora ela esteja identificada com o enfoque reflexivo da perspectiva prática. Os entrevistados não se referiram a reflexão como uma atitude política e tão pouco a prática. Um conhecimento relativo as ações humanas, a exemplo da ética e da política. Dado a ausência destas referências no discurso dos formadores, o ensino é entendido como uma atividade complexa que exige do professor uma atitude reflexiva para tomar decisões práticas e administrativas nos termos concebidos por Schön (1986).

A terceira categoria é **atitudinal** representa 22,2% da apreciação dos 18 formadores entrevistados (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais importante para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona,

equivalendo a 75% da opinião de 04 entrevistados (gráfico 67). Com esta categoria, os entrevistados enfatizam a atitude do aluno-professor frente ao conhecimento em lugar de examinar o tipo de conhecimento que eles privilegiam e confiam. Uma categoria que não comportou a análise a respeito do bom ensino e da atitude do professor para decidir o que é relevante para o aluno aprender. Em última instância, a categoria *atitudinal* tem como pano de fundo o discurso da qualidade do ensino como decorrência da atitude do aluno-professor frente ao conhecimento e as atividades acadêmicas.

Não se questiona a atitude do aluno-professor com respeito ao conhecimento, mas a ausência do tipo de conhecimento que este aluno deve aprender. Um discurso que tem um certo perigo, especialmente, porque não examina o papel da instituição educativa na formação do aluno. Os formadores deixaram de refletir sobre a natureza do conhecimento e a função mediadora do professor e em seu lugar se dedicaram a avaliar a responsabilidade do aluno-professor. Uma resposta que fugiu a pergunta acerca do tipo de conhecimento que este aluno deve aprender. Está claro que se trata de uma categoria que expressa a identificação dos entrevistados com o discurso da inovação e da colaboração educativa.

A quarta categoria é **humanista** e representa 22,2% da opinião dos 18 formadores (anexo 5). Esta categoria é mais representativa para os formadores da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 100% do julgamento de 4 entrevistados (gráfico 67). Na atualidade, este tipo de conhecimento é minoritário no discurso de muitos indivíduos, inclusive, nos argumentos dos formadores. Fato observado através do percentual que representa a categoria *humanista* que, em última instância, aponta para a presença de outros valores na cultural universitária. Uma evidência importante acerca da perda de terreno deste conhecimento no pensamento e na tradição pedagógica em diferentes geografias.

A categoria *humanista* nos recorda que as referências, a exemplo da empresarial e da tecnológica têm conquistado a simpatia e a confiança de muitos educadores e planejadores curriculares. 22,2% é um valor tímido, sobretudo, considerando que entrevistamos 18 formadores de duas universidades. Estamos diante de um valor que indica que a reflexão sociológica, antropológica e filosófica sobre o ensino é pouco privilegiada pelos formadores entrevistados. Um dado preocupante, especialmente, em tempos de intensas mudanças que repercutem diretamente na vida humana, pois, o ensino deve ser analisado no âmbito de sua natureza complexa e da sua importância social.

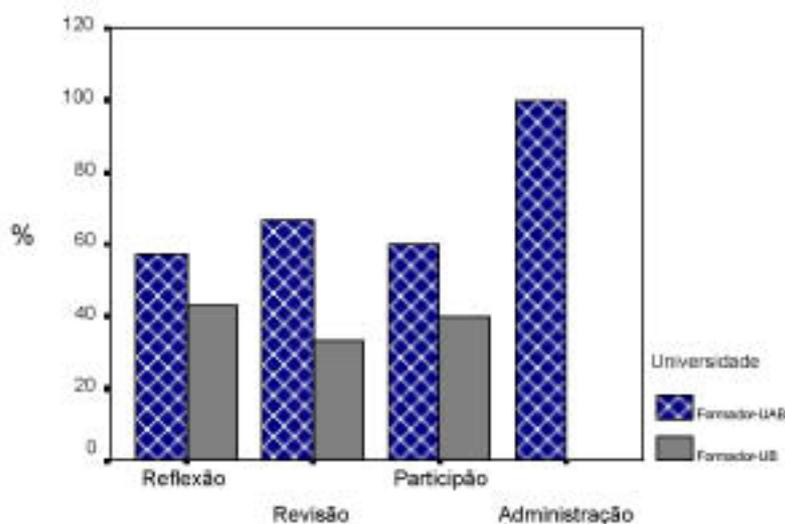
Gostaria de fazer sugestões e críticas?

Desta pergunta foi possível extrair 04 categorias relacionadas, basicamente, com duas linhas de crítica. A primeira categoria é **reflexão** que representa 39% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 4) e (anexo 5). Com respeito a universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 57% da apreciação de 07 entrevistados (gráfico 68). O conceito de *reflexão* presente nas falas dos

formadores tem origem em dois tipos de registros. O primeiro e majoritário está relacionado com o pensamento *schoniano* sobre a formação do professor reflexivo. Um discurso no qual a *reflexão* é uma atitude intelectual, segundo definem os críticos deste movimento pela ausência de um debate a respeito da natureza política e ideológica do ensino.

Esta categoria também comporta um discurso minoritário sobre a *reflexão* como um ato de consciência acerca do mundo e dos seus objetos. Neste discurso está evidente a importância de preparar o aluno e, conseqüentemente, o aluno-professor a partir de um amplo quadro de referência teórica. Trata-se na verdade da ênfase na mentalidade interdisciplinar para o aluno compreender, examinar e atuar no mundo educativo a partir dos conhecimentos sociológico, antropológico, político, filosófico e estético. Dito de outra forma, trata-se de um discurso identificado com o debate do ensino no âmbito da sua dimensão complexa que em palavras de Bárcena (1994: 17) equivale a natureza *contestável* da educação diante de sua índole aberta e sujeita a *revisão* e a *redefinição*.

Gráfico 68. Sugestões e críticas as licenciaturas .



A segunda categoria é **revisão curricular** e representa 39% da opinião dos 18 formadores entrevistados (anexo 4) e (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para o formador da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 66,6% da apreciação de 06 entrevistados (gráfico 68). Através desta categoria os formadores sugerem um exame no currículo partindo destes pontos: *definição do perfil de pedagogo; formação dos profissionais reflexivos; revisão dos conhecimentos de Psicopedagogia e propiciar ao aluno bases metodológicas para a investigação.*

A terceira categoria é **participação** e representa 28% da apreciação dos 18 formadores (anexo 4) e (anexo 5). Em termos de universidade esta categoria é mais representativa para os formadores da Universitat Autònoma de Barcelona, correspondendo a 60% do julgamento de 05 entrevistados (gráfico 68). Para os

formadores desta universidade é importante *criar espaços para o debate, promover o diálogo de qualidade e transformar o aluno-professor em tutor de alunos sem experiência com o ensino*. Em síntese, trata-se de medidas didáticas que favorecem o protagonismo deste aluno mediante um projeto de estudo mais desafiante e identificado com suas necessidades formativas e profissionais. Em última instância, através desta categoria, os formadores refletem acerca de algumas inquietações do aluno-professor, sobretudo, a criação de espaços para discutir sua prática com o ensino e, naturalmente, seu saber prático.

Esta categoria comprova a percepção do aluno-professor sobre seu lugar na licenciatura, especialmente, quando ele afirma que é reduzido. Em síntese, a categoria *participação* é importante, sobretudo, porque destaca a necessidade de ampliar espaços para atuação do aluno-professor. Em outras palavras, é uma forma de reconhecer que a metodologia utilizada favorece pouco a atitude atuante deste aluno nas aulas, particularmente, porque ficou evidente a preferência pelas aulas magistrais que facilitam a *postura de ouvinte copista* do aluno e, em particular, do aluno-professor.

A quarta categoria é **administração** e representa 17% da opinião dos 18 formadores entrevistados. Trata-se, basicamente, de uma categoria que apresenta as sugestões que podem melhorar a qualidade das licenciaturas, especialmente, o nível de satisfação do aluno-professor (anexo 4) e (anexo 5). Com respeito a universidade esta categoria representa a opinião do formador da Universitat Autònoma de Barcelona equivalendo a 100% do julgamento de 03 entrevistados (gráfico 68). A revisão das tutorias e o aproveitamento do tempo letivo para as atividades de investigação sintetizaram as contribuições dos formadores na construção da categoria *administração*.

As críticas não foram numerosas a ponto gerarem categorias, mas a natureza técnica do currículo e a falta de uma reflexão sobre o ensino são as advertências mais relevantes dos formadores. Naturalmente, que estes aspectos foram destacados pelos formadores que fazem oposição ao conhecimento técnico. Para os entrevistados que opinam deste forma, o currículo das duas licenciaturas peca pela demasiada ênfase nas questões técnicas em detrimento da análise do ensino no âmbito da complexidade e dos princípios humanistas. Estes formadores recordam que ao conhecimento acerca do ensino no campo técnico, especialmente, na área da didática pode ser apreendido com naturalidade. Neste sentido, recomendam que esta aprendizagem se realize após o desenvolvimento de uma mentalidade interdisciplinar e de uma consciência a respeito do ensino como uma atividade que implica num juízo de valor. Em resumo, estas são as críticas que marcaram as posições dos formadores a respeito das carreiras que comportam o aluno-professor.

Apesar disto, o discurso dos formadores a respeito do currículo, em última instância, é um aviso do modo como estes especialistas enfrentam este tema. Discursos que podem ser caracterizados como tributários de três tradições influentes no pensamento pedagógico. O primeiro discurso e dominante é o *técnico-prático*, o segundo o *empresarial* e o terceiro o *humanista* que também

é o minoritário. Discursos presentes nas análises acerca do tratamento curricular e das necessidades profissionais dos alunos. Discursos, em parte, concebidos diante da idéia do currículo como um instrumento histórico que reflete a sociedade e, portanto, as diferentes abordagens que ela produz.

7.5. Considerações finais.

O discurso do formador e do aluno-professor coincide em alguns aspectos, a exemplo da *natureza da expectativa deste aluno com a licenciatura, a lembrança episódica deste aluno pelo professor e a escassa referência do contexto na fala de ambos*. No primeiro exemplo, o formador oferece informações mais detalhadas a respeito das demandas deste aluno, favorecendo um conhecimento mais profundo sobre suas buscas. A qualidade da informação conferida por este profissional comprova a idéia de que a percepção dos indivíduos está relacionada com sua consciência acerca do conhecimento e do tipo de experiência de cada um.

O segundo exemplo ficou claro através da categoria **parcial** que alude a lembrança eventual do aluno-professor no planejamento do formador (anexo 5). Em outras palavras, esta categoria diz que este aluno não é lembrado intencionalmente pelo formador, especialmente, durante a escolha do conteúdo e das estratégias metodológica para o tratamento do conhecimento. Apesar disto, o formador manifestou em seu discurso simpatia e satisfação com a presença deste aluno em suas classes. Paradoxalmente a este sentimento positivo, o aluno-professor não se sente a vontade nesta condição e em face deste sentimento não manifestou empatia com respeito ao formador.

O argumento do aluno-professor sobre o esquecimento de suas necessidades formativas na licenciatura está na falta de aproveitamento do seu saber prévio. Por outro lado, o terceiro exemplo esteve mais pronunciado no discurso do formador, pois, o contexto apareceu através da expressão centro educativo. Uma expressão que não é sinônimo de realidade social ou de relações sociais, políticas, jurídicas e ideológicas que, em última instância, traduzem o conceito de contexto. Em síntese, o que esteve presente na fala dos entrevistados foi um certo distanciamento com o discurso sociológico e histórico sobre a educação e o ensino.

Em termos de universidade, a diferença do discurso dos formadores é, em última instância, de ordem política e ideológica. Uma diferença que reflete a “crença” no tipo de conhecimento, de homem, de mundo, de sociedade e, naturalmente, de aluno. Neste sentido, o formador da Universitat de Barcelona se caracteriza como um profissional mais identificado com o mundo tecnológico e o formador da Universitat de Autònoma de Barcelona como um profissional afinado com o discurso prático e humanista. Contudo, é preciso salientar que a confiança nos princípios humanistas é minoritária entre os formadores desta última instituição. Ainda que o discurso dos formadores seja plural e represente a multiplicidade de discursos de sua sociedade, as referências sociológicas, históricas e políticas não estiveram presentes nos argumentos discursivos e analíticos dos formadores. Ausência também percebida no pensamento do aluno-professor sobre a educação, o ensino e seu lugar na sociedade.